REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 872

20 DE MARÇO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHARLES ROUVIER

MINISTRO DE FRANÇA EM LISBOA

CHRONICA OCCIDENTAL

A revolta do povo de Coimbra contra os empregados do fisco alvoroçou todo o reino e teve consequencias sérias, pois que, a dois homens lhes custou a vida a lucta contra a força armada e houve varios ferimentos de gravidade.

Parece que tudo voltou ao socego, mas continua por emquanto fechada a Universidade, visto ter o maior numero dos estudantes tomado o partido do povo, que, aliás, já tinha a seu lado a classe commercial.

Agora discute-se muito o proceder da Academia e dos commerciantes de Coimbra, que não levaram sua adhesão até onde o desejava o povo revoltado.

Tambem muito commentados teem sido os artigos do *Seculo* e sobretudo os do *Dia*, sobre o manejo de certas sociedades aproveitando a excitação popular.

Coimbra durante muitos dias, com suas lojas fechadas, ruas percorridas pelas patrulhas de cavallaria e ausencia da maior parte dos estudantes, assumiu um aspecto de melancolia, contrastando com a alegria vulgar d'uma das mais animadas de nossas cidades de provincia.

O socego voltou pouco e pouco, mas ainda não dava a ninguem confiança, quando o povo de Soure, seduzido pelo exemplo, se revoltou contra os empregados de fazenda, obrigando até alguns d'elles a acompanhal-o pelas ruas dando os vivas que elle dava e até os gritos subversivos que só a força armada poude mais tarde conter.

Em meio da tragedia, houve esta nota comica, a serem verdadeiras as informações dos jornaes. Os pobres empregados passaram um pessimo quarto d'hora; mas d'aquelle ridiculo não se livravam muitos dos que hoje se riem.

O caso era serio.

Depois de terminados estes conflictos, varios boatos teem corrido de novas desordens n'outros pontos da provincia, e até perto de Lisboa, segundo hontem se dizia, em Alpiarça e Santarem.

Quando ha trovoadas, o menor rumor, ou carro que passa ao longe, ou movel que se arrasta, tudo parece um trovão. Entretanto o governo vai se prevenindo, accusado como foi da pouca força armada que se achava no quartel de Coimbra, incapaz por seu pequeno numero de suffocar a revolta em seu começo.

De tudo isto resultou para os rapazes terem umas ferias mais prolongadas, o que, como é de ver, tambem deu a sua nota alegre, apesar de aos primeiros que partiam muitos quererem obrigar a que ficassem auxiliando a resistencia de seus companheiros. Effectivamente os dois comboios gratuitos que o governo pôz á disposição dos estudantes, transportaram pouquissimos rapazes, quer para Lisboa, quer para o Porto.

Bateram-se nas ruas povo e soldados, aquelle com cajados e pedras, estes com balas e bayonetas. Como sempre, fóra de toda a regra.

Pois, passados dias, em Lisboa, no theatro D. Amelia, puderam os raros amadores portuguezes d'estes exercicios assistir a uma linda sessão de esgrima, em que dois afamados mestres de sala d'armas se apresentaram ao publico de Lisboa.

Claro está, escusado seria dizel-o, que nada os revoltosos de Coimbra e Soure, teriam com elles de aprender. Nem Mérignac nem Pini com seus floretes teriam muito que lhes ensinar.

Nos differentes assaltos que se realisaram não houve deslustre para os portuguezes que n'elles tomaram parte e o distinto professor Antonio Martins, por si e por seus discipulos, teve razões para satisfação.

Luciano Mérignac foi pelo seu adversario Pini involuntariamente ferido n'uma verilha. O ferimento felizmente não teve importancia alguma, não o impedindo sequer de sahir nem o obrigando a abandonar suas tenções d'um passeio até Cintra, onde Antonio Martins deve acompanhar os seus illustres collegas.

Os dois celebres esgrimistas são acompanhados em seu giro pelo seu medico, sr. Vergely.

Foi este o mais notavel espectaculo dos que em Lisboa se realisaram ultimamente, ainda que muitos outros tenham chamado a attenção do publico, que, realmente, este inverno não deixou de ter suas razões de queixa.

Ainda S. Carlos está aberto e já no Campo Pequeno se inauguraram as toiradas: Cêdo demais como se vê. Toiros não se querem quando as senhoras lá vão de capas de velludo e os homens teem de levantar, no sol, a gola dos sobretudos.

Por isso a celebre *Condemnação de Fausto*, obra prima de Berlioz teve muito maior exito no theatro de S. Carlos do que o curro do sr. Marquez de Castello Melhor na praça do Campo Pequeno.

O theatro D. Amelia tambem teve uma enchente esta semana, e ouviu, acima de todo o barulho da claque, uma extraordinaria ovação que o publico, enthusiasmado com o desempenho do *Segredo de Polichinello*, fez a seus principaes interpretes.

Era beneficio de Augusto Rosa, e portanto noite de festa; mas a ovação foi para todos, para elle, para o João, para Rosa Damasceno, para Lucinda Simões, Adelina Abranches, Alves, para todos emfim, pois que raras vezes n'aquelle theatro se viu um conjuncto tão de primeira ordem.

A peça é um encanto, como raros os francezes, dados muito á pornographia ultimamente, teem exportado para os differentes theatros do mundo. Isso concorreu decerto, e muito, para o exito completo do espectaculo que Augusto Rosa offereceu seus amigos..

Tambem na véspera formosos talentos haviam recebido grandes ovações em casa dos srs. Viscondes de Carnaxide onde fizera a sua estreia de auctora dramatica a sr. D. Maria da Conceição de Carvalho Baptista de Souza, filha do sr. conselheiro Marianno de Carvalho, de que herdou o talento, e nora dos srs. viscondes.

São primorosas as suas duas comedias: *Os noivos* e *Amores*, que gentis senhoras desempenharam: D. Estrella de Carvalho, D. Maria José e D. Margarida Baptista de Sousa, D. Maria de Vasconcellos, D. Manuela da Costa Ricca e finalmente a filha dos donos da casa, D. Elisa Baptista de Souza Pedroso, um dos mais formosos talentos

musicos de Lisboa, que revelou n'essa noite novas e preciosas qualidades artisticas.

Foi uma noite encantadora, que deixou em quantos tiveram a dita de assistir áquella festa d'arte delicadissima eterna recordação.

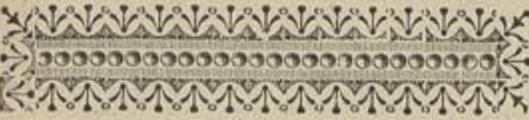
Falar d'arte descança o espirito. De bellas artes ainda temos noticia a dar, com a inauguração da exposição dos discipulos de Carlos Reis, ha dias realisada com exito honroso para os expositores.

Resta-nos agora ver se cunho artistico vão ter as festas que se projectam em honra de Eduardo VII. E' de esperar que sim, attendendo que a ellas vai superintender o deputado por Lisboa, Jayme Arthur da Costa Pinto, homem de gosto finissimo, elevadissimo caracter, qualidades de que tem dado sobejas provas.

Muito se espera portanto que com os relativamente poucos recursos de que poderá dispôr, elle obtenha por sua actividade e talento especial.

As illuminações parece que vão ser brilhantissimas. O edificio da Camara Municipal illuminará como o fez quando do centenario de Camões e o casamento de El-rei D. Carlos. Já se fez experiencia da illuminação por tijelinhas na margem esquerda do Tejo. O effeito era bellissimo. O sr. Costa Pinto já esteve no Pragal e Lazareto tratando d'estes festejos.

Diz-se que não haverá sessão de tiro aos pombos, nem toirada o que é pena. El rei Eduardo VII pertence á sociedade londrina de protecção aos animaes e não póde portanto assistir a estes espectaculos.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

MR. CHARLES ROUVIER

Poucos diplomatas teem sabido conquistar as sympathias de que actualmente gosa entre nós o illustre representante da Republica Franceza, a quem o governo do seu paiz acaba de distinguir com o subido grau de commendador da Legião de Honra.

Felicitando o illustre diplomata presta-lhe o OCCIDENTE hoje a sua homenagem, simplesmente com o fim de deixar registrado nas suas paginas um nome que se tornou de ha muito estimado entre nós.

Mr. Charles Rouvier possuia já a cruz da Legião de Honra, ganha na guerra franco-prussiana pela coragem e valor com que se distinguira nos recontros com os prussianos, em que entrou o regimento dos *mobiles* de Ardèche, a que pertencera.

Terminada a guerra fez parte da redacção de alguns jornaes de Paris, escrevendo chronicas de politica estrangeira que lhe grangearam subida reputação.

A tal ponto as suas chronicas de tornaram apreciadas nas regiões officiaes que, dentro em pouco, era escolhido para dirigir o *bureau de la presse* no ministerio dos negocios estrangeiros, sendo em 1880 nomeado 1º secretario da legação de França no Rio de Janeiro.

Foi n'este cargo que teve inicio a sua carreira diplomatica.

De 1.º secretario de legação no Brazil, passou a ministro de França na republica Argentina, logar que occupou durante tres annos; de Buenos Ayres foi para Stokolmo, d'onde em 1892 passou para Lisboa.

Mr. Charles Rouvier é hoje um dos vultos mais salientes do corpo diplomatico estrangeiro, distinguindo-se pela sua inexcedivel delicadeza e extrema cortezia para com todos.

O actual presidente da Republica tem pelo distincto diplomata a maior consideração e a sua opinião é muito apreciada, porque Mr. Charles Rouvier alem de ser um espirito finissimo e culto, é considerado, com justiça, um dos membros do corpo diplomatico que mais honram a França no estrangeiro.

OS NOVOS MINISTROS

A crise ministerial declarada no seio do gabinete em seguida á apresentação das medidas de fazenda do sr. conselheiro Mattoso dos Santos, levou o sr. presidente do conselho, Hintze Ribeiro, a pedir a demissão collectiva do governo, e, sendo encarregado pelo chefe do Estado de organisar gabinete convidou os srs. Wenceslau Lima, General Manoel Gorjão e conde de Paçô Vieira a tomarem conta das pastas dos estrangeiros, marinha e obras publicas, encargo que os solicitados acceitaram, ficando o novo ministerio assim organisado:

Presidencia e Reino, sr. conselheiro Hintze Ribeiro; Fazenda, sr. conselheiro Teixeira de Souza, que occupava a pasta da Marinha; Extrangeiros, sr. conselheiro Wenceslau Lima; Justiça, sr. conselheiro Campos Henriques; Guerra, sr. conselheiro Pimentel Pinto; Marinha, sr. conselheiro Manuel Gorjão; Obras Publicas, sr. conselheiro Conde Paçô Vieira.

WENCESLAU LIMA

Foi educado no extrangeiro onde se habilitou em toda a instrucção secundaria, vindo em seguida para Portugal, matriculando-se na Universidade de Coimbra onde se formou em philosophia.

Concorrente á cadeira de mineralogia da Academia Polytechina do Porto, occupava ao presente ainda aquella cadeira quando foi chamado aos conselhos da corôa.

Foi governador civil dos districtos do Porto e Villa Real, onde fez boa administracão, mantendo uma linha de conducta que muito o honrou, não dando azo a que os seus contrarios politicos podessem apreciar de menos correctos os seus actos.

Caracter mais de artista que de politico, a cultura do seu espirito tem sido feita na leitura dos bons livros, nas viagens ao extrangeiro e no mais illustre convivio.

E' um erudito e um escriptor e parlamentar de merecimento, e além de tudo isto um viticultor moderno, aproveitando os melhoramentos que se iniciam no extrangeiro para os pôr em pratica nas suas propriedades.

Como chefe do partido ha muito que o seu nome estava indigitado para entrar na primeira recomposição regeneradora, sendo a pasta dos extrangeiros a que lhe estava destinada pelos excepcionaes conhecimentos que concorrem no illustre parlamentar.

GENERAL MANOEL GORJÃO

Fez a sua carreira publica em Africa occupando em S. Thomé e em Loanda o cargo de director das obras publicas, e em Moçambique o de director da companhia d'este nome e de governador geral da provincia.

Conhece portanto a fundo os negocios do Ultramar e os assumptos que mais interessam ás nossas colonias e á nossa marinha, tendo visto de perto as necessidades que soffrem as nossas possessões na Africa equatorial, occidental e oriental onde tem viajado.

Nenhum outro, pois, com mais jus pode fazer uma gerencia brilhante na pasta que actualmente lhe está confiada.

No governo geral de Moçambique aconselhou e advogou as obras do porto de Lourenço Marques, hoje já começadas, dando n'aquelle logar as mais inequivocas provas de militar, diplomata e administrador distincto, nas circumstancias difficeis em que se liquidou a melindrosa situação para Portugal creada pela guerra da Inglaterra com o Transvaal.

Quando os boers se organisaram em guerrilhas para defenderem até ao extremo a sua patria ameaçada, foi a elle que tocou a responsabilidade de guarnecer as fronteiras, sendo o negociador do *modus vivendi* quando se restabeleceu a paz.

O commercio de Lourenço Marques que ficara paralysado durante as hostilidades, deve-lhe muito do seu renascimento, preparando assim aquelle bello porto para o futuro prospero que lhe está reservado.

CONDE DE PAÇÔ VIEIRA

O novo ministro das obras publicas sobe aos conselhos da corôa depois d'uma carreira de magistrado muito distincto e de ter provado os seus meritos parlamentares.

Tem innumeras sympathias que o seu prestimo e a sua actividade incansavel justificam.

Da sua carreira de magistrado podemos colligir os seguintes e curiosos dados que põem bem em evidencia os serviços prestados pelo sr. conde de Paçô Vieira.

Em 1883 exercia o logar de procurador regio no 1.º districto criminal do Porto, servindo depois como delegado em Meda, Portalegre e na 3.ª vara civel do Porto.

Em 1890 foi promovido a juiz, por distincção exercendo n'esta qualidade os cargos de:

Juiz do tribunal administrativo de Vianna do Castello;

Juiz do tribunal administrativo do Porto.

Juiz das execuções fiscaes do Porto; e Juiz de Direito da Comarca de Sabugal.

Em 1900 foi nomeado ajudante do procurador geral da corôa e fazenda, ao cabo de 18 annos da sua carreira de magistrado.

Desde 1890 que representa na camara os circulos da Regoa, Ribeira Grande e Pinhel, sendo a penultima em quatro legislaturas seguidas.

Em 1896 exerceu o logar de governador civil de Ponta Delgada.

Como publicista tem diversas obras de jurisprudencia, devendo-se á sua iniciativa a fundação da *Revista do Fôro Portuguez*.

OS ACONTECIMENTOS DE COIMBRA

Os successos que se acabam de dar em Coimbra e que levantaram a opinião em todo o paíz, justificam as gravuras que hoje damos da bella rainha do Mondego.

A historica cidade lavrou o seu protesto contra as licenças para venda, protesto que foi attendido pelo governo, o qual immediatamente mandou sustar a fiscalisação a que se estava procedendo, mostrando o sr. ministro da fazenda em declarações feitas no Parlamento, quanto era seu proposito modificar o systhema tributario n'essa parte, passando a incluir na contribuição industrial, e por um meio mais equitativo, essa multiplicidade de licenças, causa primaria das successivas infracções em que o contribuinte incorre.

Parece que á antipathia por aquelle novo sacrificio se juntou a forma insolita, brusca e abrupta como a repartição aos impostos de Coimbra, na pessoa dos seus empregados, começou a fazer aquelle melindrosissimo serviço, exigindo licenças a todos os vendedores do mercado de D. Pedro V, autuando muitos por falta de licença e outros por não terem o sello respectivo, devendo-se o conflicto não ter mais graves consequencias não só á maneira cordata como se houveram os contingentes dos diversos corpos militares que para ali foram mandados, como tambem ao bom senso de que o governo deu provas, promettendo attender as reclamaçaes das classes queixosas.

Apesar, porém, de promptas providencias em acalmar os animos ha a lamentar as perdas de algumas vidas e muitos damnos materiaes, tendo sido grandes os prejuizos que teve o commercio pela paralysação do negocio durante os dias em que se conservou aquelle estado anormal.

Como medida preventiva o governo ordenou o encerramento da Universidade e do Lyceu.

O edital encerrando os trabalhos da Universidade é do theor seguinte:

«O doutor Manuel Pereira Dias, digno par do reino, lente de Prima e doutor jubilado da Faculdade de Medicina, Reitor da Universidade de Coimbra:

Faço saber que, em virtude dos lamentaveis acontecimentos que se deram e continuam dando n'esta cidade, dos quaes resulta não haver as condições de segurança e tranquilidade publica indispensaveis para que os professores e alumnos possam ensinar e aprender com proveito e ordem, ficam suspensos por determinação superior os trabalhos escolares da Universidade.

Ordeno, pois, que os alumnos d'esta Universidade saiam de Coimbra no praso de vinte e quatro horas, a contar da publicação do presente edital. Exceptuam-se, d'esta ordem os alumnos que tiverem familia sua residente n'esta cidade, não podendo comtudo fazer uso do vestuario academico.

Communique-se ao governo de Sua Magestade e ao magistrado superior administrativo do districto para os devidos effeitos. Paço das Escolas, em 14 de março de 1903.—O reitor da Universidade, *Manuel Pereira Dias*.

Alguns estudantes protestaram, resolvendo desobedecer ao edital, nomeando-se uma commissão para conferenciar com o Reitor, porém pouco a pouco, os animos foram serenando e com a nomeação do sr. general Alberto Ferreira da Silva Oliveira para o cargo de governador militar, Coimbra entrou na sua vida activa, voltando a tranquilidade aos lares, reabrindo os estabelecimentos e recomeçando o labor nas officinas e nas fabricas.

* * *

A titulo de curiosidade reproduzimos aqui os versos que seguem, e que um collega da imprensa

periodica disse ter recebido de Coimbra, destinados, ao que parece, a incitar o povo no movimento iniciado:

Avante!

Avante! meu povo, avante!
Que heis de sair triumphante
Dessa causa justa e nobre.
Avante! e não recueis
Pelejae contra essas leis,
Que o vosso valor redobre!

Avante! que o povo vence
Logo que repare e pense
Na miseria que o consome.
Avante! por vossos filhos
Que vereis uns maltrapilhos,
Que ámanhã morrem de feme.

Povo! Avante! Pelejae!
E esse vosso braço armae
Contra a dura tyrania;
Que depois da noite escura
Ha-de vir inda a ventura!
Ha-de vir a luz do dia!

Avante! meu povo avante!
Que heis de sahir triumphante
Dessa causa justa e nobre.
Avante e não recueis
Pelejae contra essas leis
Que o vosso valor redobre!

Coimbra 12 de março 1903.

*

O general Alberto Ferreira da Silva Oliveira nasceu no Porto a 20 de outubro de 1844.

Assentou Praça no regimento de caçadores n.º 5, em 1 de julho de 1861, sendo promovido a alferes alumno em 16 de novembro de 1864; a alferes em 3 de janeiro de 1866, por se haver habilitado com o curso do estado maior; a tenente em 21 d'abril do mesmo anno; a major da 1.ª brigada de infanteria de instrucção e manobras em 1 de dezembro; a major para o corpo de estado maior em 11 de junho de 1884; a tenente-coronel em 16 de fevereiro de 1887, a coronel em 30 de junho de 1893; a general de brigada em 22 de novembro de 1900, exercendo o cargo de commandante geral do Estado maior ao tempo em que foi o nomeado governador civil de Coimbra.

Em 1 de Maio de 1868 foi escolhido para fazer parte da brigada de reconhecimentos militares entre o Tejo e o Douro, passando em 17 de agosto do mesmo anno a exercer interinamente as funcções de ajudante de campo do commandante do corpo de estado maior; nomeado ajudante de campo do governador da praça de Elvas em 21 de outubro de 1874; adjunto á brigada de reconhecimentos militares entre o Tejo e a foz do Guadiana em 18 de setembro de 1876. A 26 de novembro de 1884 foi nomeado chefe da secretaria do commando do corpo de estado maior; membro da commissão encarregada de propôr a organisação militar dos quadros da força da guarda fiscal em 12 de dezembro de 1885; vogal da commissão consultiva da defeza do reino em 6 de julho de 1886; chefe da 3.ª repartição da direcção geral da secretaria da guerra em 20 de novembro de 1890; chefe do estado maior interino da 3.ª divisão militar em 12 de novembro de 1892; chefe da repartição do gabinete do ministerio da guerra em 25 de fevereiro de 1893; chefe do estado maior do commando geral do mesmo corpo em 16 de abril de 1896; secretario geral da commissão superior de guerra em 24 de fevereiro de 1895; e seguidamente chefe do estado maior da direcção geral do mesmo corpo; vogal do conselho superior de obras publicas e minas; e chefe da repartição do gabinete do ministerio da guerra em 5 de julho de 1900.

Fez parte da commissão superior de guerra em 17 de março de 1888, da commissão encarregada de elaborar o regulamento provisorio para o serviço do exercito em campanha, e do conselho superior de promoções em 24 de dezembro de 1901.

Foi eleito deputado ás côrtes em 1893.

E' cavalleiro da ordem militar de S. Bento d'Aviz, por decreto de 18 de agosto de 1881; possue a cruz de 2.ª classe da ordem do merito militar de Hespanha; a medalha de prata de comportamento exemplar; e a medalha militar de prata da classe de bons serviços. É grande official da Real ordem militar de S. Bento d'Aviz; grancruz do merito militar de Hespanha e tem as honras de ajudante de campo de S. Magestade El-Rei.

O BARYTONO MAURICIO BENSAUDE

Dando as boas vindas ao sympathico barytono portuguez, que a empreza Paccini escripturou para a presente temporada lyrica, e a quem tivemos já ensejo de ouvir na *Aida* e na *Adriana Lecouvreur*, podemos tornar conhecidos dos nossos leitores alguns detalhes d'essa carreira artistica que o nosso presado compatriota tem feito com applauso, cobrindo o seu nome de justificado prestigio ao cantar nos primeiros theatros da Europa ao lado das maiores sumidades da scena lyrica.

Conhecemos Bensaude no theatro de D. Maria onde era já um bello actor, merecendo as sympathias do publico na correcção como se apresentava, e no estudo a que demonstrava dedicar-se pelo relevo que dava aos papeis de que o encarregavam, vendo-o subitamente desapparecer d'aquella scena e d'ali a tempos surgir-nos no theatro da Trindade, cantando a *Cigarra*, *O Surcouff* e outras operas, com extraordinario agrado.

Em 1901, tendo terminado a sua escriptura no Principe Real, do Porto, ao mesmo tempo que se apagava com a morte o bello talento musical de Alves Rente, partiu para Milão, onde chegou em abril, debutando em outubro d'esse mesmo anno no theatro communal de Voghera, na *Carmen* e cantando em seguida *Os Puritanos*.

Passou depois para o S. Remo e d'ali para o Ferrara, fazendo-se ouvir em todos os grandes theatros de Italia, e cantando a *Walkiria*, de Wagner, no Carlo Felice, de Genova.

No theatro Reggio de Turim mereceu os louvores da critica pela fórma como se houve na *Africana*, *Aida*, *Geoconda*, *Lohengrin*, *Baile de Mascaras*, etc; e em Roma, no Argentina, creou, conjunctamente com a sig.ª Pandolfini a *Bohéme* de Puccini.

Em Vienna com a Bonci desempenhou o *Rigoletto* e os *Puritanos* e a primeira d'estas operas e o *Barbeiro de Sevilha* com a Sembrich, no theatro Imperial, de Berlim.

Na America do Norte cantou com a De Reski e Melba, e na capital da Republica Argentina com Tamagno e Darclé.

Tambem esteve duas epocas no Coven Garden, de Londres merecendo os justos encomios da critica.

Em Odessa os jornaes italianos noticiaram a sua estreia com o *Ernani* dirigindo-lhe palavras de levantado elogio, chegando o nome do nosso compatriota a ser annunciado nos programmas do Priv Theater an der Wien como uma celebridade.

A imprensa allemã, ingleza, italiana, americana etc, tem feito no percurso da sua carreira as referencias mais honrosas do seu methodo de canto e merecimento artistico.

Todas essas referencias de nomes subidamente considerados na critica musical estrangeira são para Bensaude incontestaveis tropheus de gloria como cantor de opera lyrica.

ENRICO CARUSO

São raros entre nós, os tenores que conseguem vencer, a primeira vez que se apresentam em publico a frieza que tanto se manifesta na plateia do nosso theatro lyrico. Com Enrico Caruso, succedeu o que de ha muito se não fazia notar, sendo recebido com calorosos applausos e grande enthusiasmo, na noite em que debutou. O publico comprehendeu que estava deante de uma celebridade e mostrou immediatamente, o apreço em que tomou aquelle artista. Realmente Caruso possue o condão de alliar a uma linda voz, fresca, possante, de agradavel timbre e extensa, uma intuição artistica de primeira ordem, cantando e desempenhando todos os papeis a seu cargo, de uma fórma irreprehensivel.

Apresentou-se-nos na *Fedora* onde tanto evidenciou os seus dotes artisticos, e a seguir, cantou-nos a *Aida* onde causou enthusiasmo.

Fez bem Caruso em se apresentar successivamente n'estas duas operas de um genero tão diverso, afim de poder demonstrar quanto o seu talento é malleavel.

Um inexcedivel Loris Ipanoff poderia ser um *Rhadamés* irreprehensivel? Afim de convencer o nosso publico de que seria possivel a affirmativa d'esta pergunta, Caruso cantou, uma apoz outra, estas duas operas, sendo então, considerado, em seguida a estas duas provas, como um dos mais mais distinctos tenores, senão o mais distincto, que n'estes ultimos annos teem pizado o palco do nosso theatro S. Carlos.

Na *Tosca*, *Adriana Lecouvreur* e *Lucrecia Borgia*, operas em que em seguida tomou parte, Caruso conservou-se á altura dos seus creditos. Ouvil-o-hemos ainda no *Rigoletto*, sua opera de despedida, e pena é que não o possamos admirar n'outras operas de seu repertorio em que o seu desempenho é egualmente distinctissimo taes como a *Manon* de Massenet, *Germania*, *Carmen*, *Elixir de amor*. etc.

HECTOR BERLIOZ

O auctor da notavel partitura *Damnation de Faust*, cuja audição se deu pela primeira vez em Lisboa no dia 18 do corrente, no theatro de S. Carlos, foi um dos talentos musicaes de maior vulto que tem tido a França

Nasceu a 11 de dezembro de 1803 em Saint André, departamento do Isére e falleceu em Pariz em 8 de março de 1869.

A *Damnation de Faust* é uma lenda dramatica em que poema e musica tiveram por auctor o notavel maestro, e que tendo a sua primeira audição em 6 de dezembro de 1846, no theatro da Opera, de Pariz, fez ali um successo ruidoso, successo que a acompanhou nas principaes cidades da Europa, embora Berlioz, que era um critico intransigente, conquistasse em vida muitos inimigos que chegada a occasião o não poupavam.

Deveu Berlioz a esta sua intransigencia ser a maioria das suas composições só executadas depois de sua morte, fazendo-se então a devida justiça a esse notavel e grande vulto, que a França orgulhosamente conta no numero do seus mais dilectos filhos.

Entre as composições mais notaveis do distincto maestro contam-se a *Missa de requiem*, a Oratoria «*Infancia de Christo*» e alguns outros trabalhos ainda de subida inspiração, devendo-se-lhe tambem um tratado celebre de orchestração e diversos trabalhos de litteratura musical de grande valor artistico.

Na escripta musical, Berlioz confiou aos instrumentos a expressão que só a palavra poderia definir, adoptando o systhema dos *Leitmotiv*, já empregado por Beethoven e egualmente empregado com frequencia em todos as composições de Wagner.

A originalidade na escolha das melodias é uma das caracteristicas de Berlioz, que ameudadas vezes vemos abandonar os effeitos dos trechos musicaes para se transportar a um mundo indefinido onde a sua inspiração mostra librar-se em toda a grande plenitude, deixando surprezos de admiração os que não o podem acompanhar áquelle mundo ideal onde só aos verdadeiros genios é dado ascender.

O libretto da *Damnation de Faust* foi extrahido do *Faust* de Goethe, verdadeira fonte de inspiração onde egualmente Boito, Schumann, Spohr e outros tem ido buscar o thema para diversas partituras, e onde se diz que o proprio Ricardo Wagner foi inspirar-se para a composição d'uma notavel symphonia ainda não conhecida entre nós.

A *Damnantion de Faust* teve por interpretres:

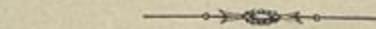
Margarida	Torreta
Mephistopheles	Stracciari
Faust	Franceschini
Brander	Rossi

Os principaes trechos da partitura de Berlioz são:

Na 1.ª parte: o monologo de *Faust*, tenor, e a *Marcha hungara* pela orchestra.

Na 2.ª parte: o monologo de *Faust*, tenor; o côro do *Hymno Pascal*: a canção de *Mephistopheles* (barytono); os bailados das Sylphides pela orchestra e o grandioso concertante final.

Na 3.ª parte: são notaveis a aria de *Faust*; a canção *Rei de Thule*, de *Margarida*: a *Evocação de Mephistopheles*; o *minuetto* pela orchestra e ainda a *serenade*, de *Mephistopheles*.

Na 4.ª e ultima parte salientou se a romanza de *Margarida*, a romanza de *Faust*, e pela orchestra a *Cavalgade* e a apotheose final.

O LINDO ROMANCE DE AMOR!

Encontrei-a em Nova-York n'um jardim publico.

Passeava por uma das soberbas aleas de casuarinas, quando notei que n'uma especie de nicho formado de verdura, ella lia attenciosamente

Tinha passado de relance e pareceu me bella; no entanto não tivera tempo para me convencer d'isso, postoque ella levantasse a cabeça ao ouvir na areia o ranger dos meus passos. Continuei descuidado, mas não sei porquê, tive tentações de voltar para traz. Voltei; mas á medida que me fui approximando do nicho de verdura ia-se apoderando de mim um certo acanhamento que me era desconhecido; ao passo que o desejo de a admirar augmentava.

Então lembrou-me um estratagema facil de pôr em pratica sem dar nas vistas. Ir sentar-me no banco que ficava fronteiro ao seu, ensombrado egualmente por um massiço de verdura que o occultava.

CONSELHEIRO WENCESLAU DE LIMA

Novo Ministro dos Estrangeiros

CONSELHEIRO CONDE DE PAÇÔ VIEIRA

Novo Ministro das Obras Publicas Commercio e Industria

CONS.º GENERAL RAPHAEL GORJÃO

Novo Ministro da Marinha e Ultramar

E fui. D'alli poderia admiral-a tanto quanto quizesse e ella ao vêr-me acharia a cousa mais natural deste mundo, visto ser o unico banco que me restava naquella rua.

Entrando de manso, alheio ao meu vis-á-vis puchei de um jornal que fingi lêr e com o qual encobri o rosto com receio que estivesse sendo observado.

Mas quê; nem tinha dado por mim com certeza, embebida como estava na leitura d'um elegante volume encadernado em coiro da Russia, apoiado sobre um joelho em ar de estante.

Cabeça de mulher que vista uma vez não esquece mais! Os fartos cabellos cahiam lhe em bandós sobre as alvas fontes raiadas de azul n'um ondeado lento até á nuca, como catadupas de oiro em leito de marfim. No rosto d'uma macieza setinea tinha a expressão angelica d'uma madona.

Não parecia ler, parecia sonhar! devia ser um romance de amôr lindo, o que ella lia. Conhecia-se na anciedade febril com que voltava as paginas sem desviar a vista ou pestanejar sequer.— Como se a sorte daquelles dois entes que se amavam, dependesse da maior ou menor actividade dos delgados dêdos folheando enervadamente as paginas chocalheiras dos seus amôres.—

GENERAL ALBERTO D'OLIVEIRA

Governador Militar de Coimbra

Pintava-se-lhe no rosto a cada instante uma expressão differente de diverso sentir.

Por vezes os meigos olhos sonhadores rebrilhavam de volupia cerula:—era um beijo ardente; um terno e longo abraço vibrando todas as côrdas de uma alma de amante talvez.—Depois elanguesciam suave, docemente e ficavam em extasi, espelhos de alma poetica.

Agora dilatavam-se-lhe as narinas, contrahiam-se-lhe os pequeninos musculos da bocca, a respiração torna-se-lhe offegante, fecha momentaneamente os olhos sobre os quaes desce, como véo sombrio, uma saudade infinda. Parece que vae chorar:—é a despedida.—Que tristeza lhe vae n'alma. Como ella soffre tambem.

Devia ser lindo aquelle romance de amor!

Ah! se duas lagrimas rolassem n'aquelle momento dos seus olhos, bebê las-hia soffregamente e......... talvez que me cahissem no coração.

Seguia já com bastante interesse a sua leitura e tão absorvido estava, tanto mais quanto ia lendo nas expressões do seu rosto encantador, onde a pár de qualquer sentir se salientavam os laivos d'uma ingenuidade, casta, as passagens sentimentaes d'esse delicioso romance de amôr, quando se operou n'ella uma brusca transicção.

COIMBRA — Paços da Universidade

O BARYTONO MAURICIO BENSAUDE

O TENOR ENRICO CARUSO

Sem que de repente podesse comprehender-lhe no semblante uma expressão accentuada de qualquer sentir, aventei: — «um desejo realisado ou um sonho desfeito». — Oh! mas não; agora já não era o romance, por, que a pouco e pouco vae cahindo em uma serenidade absoluta.

Assim ainda mais linda. Jurara já aos meus deuses não sair d'alli sem saber o nome do romance, compra-lo ia no primeiro livreiro que encontrasse e que agradavel plano! que perspectiva ideal! iria lê-lo para alli, para defronte d'ella, todos os dias, ás horas calmas, longe do bulicio do mundo, em communhão de idêas e de sentir com uma creatura adoravel e que eu fazia já o anjo do meu lár. Os meus olhos envolviam aquella cabecinha loura em um nimbo de esperanças e n'um vôo celere transportava-a nos braços da minha phantasia para um cantinho morno d'este paiz do sol.

Como aquella figurinha seria gentil n'uma paysagem portuguesa!

Então, levanta-se decidida, encara-me; eu finjo ler; dirige-se a mim e olhando com uma certa curiosidade, aponta-me o jornal que deixo cahir entre os dêdos já quasi feliz, perguntando-me seccamente: «é do meu partido?»

Ia a balbuciar uma amabilidade, occorreu-me dizer-lhe: «os homens são sempre do partido das mulheres bonitas» (ai de mim se o tivesse dito) depois observei-lhe estupidamente que era portugez e que com franqueza não me interessava muito a politica norte americana.

Passou-lhe então como um relampago, n'aquella fronte immaculada, n'aquelles olhos limpidos e claros n'aquella bôcca pequenina e purpurea como uma flôr de cacto a entreabrir, a expres-

COIMBRA — Vista geral

são mais terrivel de despreso que tenho visto em rostos humanos.

Voltara me as costas, deixando-me perplexo.

Ainda consegui lêr impresso a lettras de oiro na capa d'aquelle elegante volume encadernado em coiro da Russia—«Tratado da Economia Politica».

O lindo romance de amor!

Lisbôa 3 de Março de 1903.

Fred

ENTRE DUAS REVOLUÇÕES

E' este o titulo de um livro ha pouco sahido do prélo e firmado pelo sr. Barbosa Colen, redactor das *Novidades*, publicista eximio e que mais uma vez prova o seu talento com a publicação d'esta obra.

BARBOSA COLEN

Entre as publicações novas que amiude visitam nossa mesa de trabalho, raro se encontram livros como este, em que, fazendo a critica de um periodo historico dos mais interessantes, qual foi o dos primeiros annos do regimen liberal, n'elle se desenha com verdade e vivas côres essa epocha agitada de paixões, em que se mediram forças em lucta accesa, intranzigente e convicta de suas ideias, entre os homens que vinham da revolução e se batiam para consolidar a sua obra de regeneração da patria.

Somos d'essa epoca e por isso avaliamos bem a verdade e são criterio com que está escripto o livro do sr. Barbosa Colen, cuja melhor critica é lêr suas paginas que são verdadeiras lições de historia, como o leitor poderá avaliar pelo capitulo que passamos a transcrever.

SALDANHA E COSTA CABRAL—DUELLO DE MORTE

«A' lucta desesperada entre os partidos ia succeder, agora, o *corps-á-corps* entre dois homens, de qualidades excepcionaes e provadas, associados ainda havia pouco, unidos nos lances de resistencia mais persistente, completando-se pela situação que occupavam, aureolados ambos por um passado de poderio e de fortuna, que lhes creára clientella dedicada e numerosa, nas duas classes predominantes. Uma era o idolo do exercito, — que o tinha como o seu paladino intemerato e invencivel A sua espada gloriosa guiára-o sempre á victoria. O seu coração generoso era recurso, sempre seguro, para todos os pedidos afflictivos Contavam-se por milhares os que lhe deviam os distinctivos do mando, — e depois tinham visto accrescentar a dadiva com as generosas prodigalidades da sua bolsa sempre aberta. Os que o accusavam de insaciavel nas reclamações de dinheiro, com a propria accusação engrandeciam o absoluto prestigio d'um nome que se tornára symbolo de inevitavel triumpho na guerra e de infatigaveis beneficios na paz. Era um chefe e era um protector. Obedeciam-lhe como subordinados, e amavam-n'o como filhos. Davam-lhe toda a sua dedicação, e offereciam lhe todo o seu sangue Era um politico voluvel? Que importava isso a soldados que só conheciam os politicos pelos maleficios que lhe attribuiam as gazetas. Ficava caro ao thesouro publico? Desde quando os povos pospunham a sovinice á recompensa dos seus grandes generaes? Não tinha Napoleão enriquecido como principes aquelles a quem depois ainda dera os thesouros dos reinos conquistados e até os proprios reinos? Era com os 100 contos,—com os miseros 100 contos do presente feito pelas côrtes aos duques,—que a nação resgatára a divida de gratidão a quem tão principalissimamente devia os triumphos da liberdade?

DUQUE DE SALDANHA

Era assim que pensavam os que tinham Saldanha como um semi-deus, e por isso o queriam liberto das criticas por onde se habitolava o resto da humanidade. Tudo n'elle os seduzia. Não era só o seu trato affavel que os encantava: a sua physionomia aberta, traduzindo bem a franqueza; os seus cabellos alvejantes, ligando-se, n'uma linha harmonica e quasi seguida, com as suissas nevadas; a ternura do seu olhar, espelhando bem a alma bondosissima; o sorriso, que era um convite amavel ao desprendimento do receio e humildade com que muitos o abordavam; a notavel elegancia do seu porte, que tanto realçava na farda toda agaloada a ouro e toda constellada de condecorações variadissimas; tudo, tudo dava um conjuncto destinado a crear as adhesões dos que com elle serviam, e a provocar a admiração e as dedicações dos que lhe estavam subordinados. Ninguem mais se parecia com elle; ninguem mais tinha a extranha magia de ficar indelevelmente na memoria dos que uma vez o viam; ninguem mais possuia o segredo de alliar a linha finissim da aristrocacia herdada, nunca perdida n'elle, com a natural isenção de todo o orgulho, com a modesta despretenção de toda a vaidade do que era.

O outro,—o adversario que se punha em frente de Saldanha, disposto a luctar até que o combate impossibilitasse um dos dois,—era Antonio Bernardo da Costa Cabral. O conde de Thomar não tivera a facilitar-lhe a situação a que chegára nem o prestigio dos antepassadas, nem a fortuna do inicio da carreira A si proprio se fizera, com toda a força da sua vontade, com toda a persistencia da sua energia infatigavel, com toda a excepcional intelligencia, d'um espirito largamente aberto ás concepções de um grande homem d'estado. Viera do nada e chegára a tudo; principiára por amanuense e tinha agora o primeiro logar do governo da nação. Começára sem um auxiliar, tinha um partido, que dominava todos os outros. O seu nome nunca ninguem o ouvira pronunciar; agora era como um labaro de guerra, posto á frente da hoste dedicada até ao fanatismo, que o seguia com a confiança cega no seu destino e na sua final victoria. Luctára com todos—e até comsigo proprio! Ao começar lançara-se com a despreoccupação da inexperiencia, nos principios avançados, que a propaganda dos enthusiastas apresentava com o colorido brilhante da redempção dos povos; depois substituira a utopia do sonho pelos beneficios positivos, procurando adaptar o real progresso da nação com a ordem e com a evolução pautada, para tornar fecunda e estavel a conquista da liberdade,—a conquista das campanhas sangrentas terminadas na convenção d'Evora Monte.

A fé viva que elle tinha em si proprio e na sua obra de governo, fazia-o mais decidido estadista que essa epocha agitada tinha produzido Era um convicto, marchando direito ao fim almejado, animado e impelido por sentimentos que o fôro intimo lhe indicava ser a verdade e a justiça. As difficuldades espicaçavam-n'o, como se fossem um acicate instigador. As contrariedades empurravam-n'o para a frente, como se tivessem a attracção magnetica do iman. E coroando estas qualidades de caracter, e animando-as, como a luz anima toda a existencia humana, era de maravilhar a sua intelligencia viva, tão prompta em dar a visão das cousas como em as illuminar na sua praticavel execução.

Os que o viam no parlamento, inflamando se facilmente na polemica, enchendo a sala com a sua voz potente, atirando com as mais asperas provocações aos contrarios, desafiando os jornalistas que das galerias muitas vezes o instigavam com manifestações mal contidas, não se prendendo com preoccupações de recthorica florida, fallando facilmente mas rudemente, soccorrendo-se a imagens d'um plebeismo chocante,—mas encaminhando sempre tudo, insultos e phrases mal soantes aos meticulosos da oratoria, á persecução do fim a que se propunha, á sustentação da sua doutrina, ou do seu projecto de lei — esses, mal podiam desconfiar como tal homem, no tracto intimo, era affavel, cordeal e bom. O segredo de muitas das dedicações que fez, e de que ficou tradicção, estava mais n'esse convivio benevolente do que nos favores distribuidos, —assim como o segredo de muitas das suas victorias parlamentares foi mais devido ao aproposito d'um áparte rapido e penetrante, como uma estocada a fundo do que aos discursos,—que elle, quando lhe convinha, bem sabia tornar longos, e, se era preciso, fastidiosos. Tendo estas varias mutações, que accentuavam a sua habilidade, ainda dispunha d'um recurso que muitas vezes serviu a sua tactica: o riso. Era d'elle só d'elle, aquelle modo ironico de sublinhar uma passagem que queria anniquilar pelo ridiculo!

CONDE DE THOMAR

Taes eram os dois adversarios que iam baterse, — tendo por espectadores interessados todos os homens do paiz. Um era apadrinhado pelos militares, o outro pelos paisanos. As duas classes, de rivalidades tradicionaes, encaravam-se frente a frente, e iam medir-se em forças.

E' claro que nem todos os militares estavam ao lado do Marechal,—porque, para varios, a inveja fazia-lhes vér n'elle um rival mais feliz em considerações, beneficios e cargos. Escusado é dizer, tambem, que muitos e muitos eram os paisanos, movidos de sentimentos eguaes a respeito do conde de Thomar. Mas esses todos eram excepção, eram minoria. A queda do ministro, — via-se bem,—só seria decisiva pela sublevação nos quarteis. Saldanha só podia triumphar com a espada. A victoria de mais uma revolta militar, a imposição, pela força do crime contra a auctoridade da lei,—que era o que significava o militarismo enthronisado—repugnava aos civis,—á *paisanada*,—mesmo á que era mais contraria ao dominio cabralista. O conde de Thomar, era, pois, pela força das circumstancias, o paladino até de muitos que politicamente o detestavam.

E foi assim, n'este momento historico, que aquelles dois homens, de qualidades dessemilhantes, mas ambos de qualidades tão raras; de valor tão diverso, mas demonstrado com tão larga copia de feitos notaveis; em situações tão proeminentes, como outras mais não havia,—se lançaram, um contra o outro, n'uma lucta como a dos circos romanos, procurando ganhar os applausos da plebe, excitando-a com a troca das injurias mais violentas, desacreditando-se com a proposi tada deturpação do passado, enxovalhando-se com injurias rebuscadas com afincado odio!»

Barbosa Colen.

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

(Continuado do n.º antecedente)

A coronela a tudo torcia o nariz, a tudo queria ver mudado, citando Vienna a todo o proposito,

não manifestando a respeito dos dois tremendos desastres succedidos a Radnothy, ou ainda em relação ás vicissitudes por que o paiz estava passando, a minima sympathia. A Elsbeth, quando não lia romances publicados nos periodicos baratos viennenses, passava horas e horas defronte do espelho, a arrebicar-se, e sempre a falar no capitão Kalenberger.

O cachorrito, ladrava sem cessar a Radnothy, o Estevam, sem cessar, zurzia o tótó, e uma vez por outra, zurzia o arganaz do lacaio da coronela, que se atrevia a meter-lhe a ridiculo os encerados bigodes. Todos os dias succedia algum caso, a proposito do qual a coronela cahia com o seu chilique, a Elsbeth choramingava, e Radnothy a maldiçoava este mundo e o outro.

Em taes circumstancias não podia o ancião entregar-se ao seu pleito com a primitiva energia. As despezas cresciam dia a dia, a ponto de se tornar necessario vender mais um pedaço da mata. E sempre que em presença da coronela se queixava, invectivando contra o novo systema e declarando, que em taes condições, os membros da nobreza transylvana ir-se-iam a terra um após outro, encetava-se desde logo a batalha e, d'ali a pouco, a gritaria.

A coronela atribuia tudo aquillo aos turbulentos conselhos do Condado e ás assembléas Regionaes, apodando de palavrorio os tão eloquentes protestos e discursos, aos deputados de sabre á cinta vituperava-os de *Betyares*, e aos venerandos *Tablabiros*, o conselho de anciãos, de velhos sandeus, e que o seu marido, que Deus tenha em gloria, lhe vaticinára tudo aquillo, mais de dez annos havia.

—Radnothy, assim que tal ouviu, atirou-se ao coronel, que repousava em paz, havia dez annos, no cemiterio de Gratz, á viuva, que se atrevia no seu proprio solar a falar em semelhantes termos, e á filha, assás impia para tomar partido pela tia. E produzindo a sua papelada, leu-lha de fio a pavio, e como ellas ainda assim se não cohibissem de renhir com elle, ameaçou-as de que lhes torceria o pescoço; arrancando-lhes das mãos os romances de sensação dos periodicos viennenses e a *gazeta-estrangeira*, para a qual havia assignado a coronela, allegando que era dali, manifestamente, que ambas hauriam um tal acervo de impiedades; que puzessem os olhos nelle, que não lia jornal de qualidade nenhuma, quer fôsse hungaro quer alemão, que só propalavam mentiras e destemperos, e que elle, se bispasse á mão algum periodiqueiro, manda-lo-hia agarrar pelo Estevam, e administrar lhe uma boa surra.

Ao ouvir tão desabridas declarações, a coronela, conforme é de suppor, caiu com um chilique, e já se vê, ao outro dia, queria retirar-se, mas foi se deixando ficar.

Por causa da Elsbeth questionavam ambos a toda a hora. Radnothy lançava os olhos á coronela, que lhe transformára a pequena em uma dessas sirigaitas lá de Vienna de Austria, e lhe fizera perder os habitos sãos de outr'ora, que ia até esquecendo a patrio idioma, que a respeito de arranjo domestico, não pescava patavina, e que estava morrendo por se ver longe de casa.

A coronela increpava de ingrato o cunhado, punha nas nuvens a aprimorada educação da Elsbeth, que só podia casar com algum general ou funccionario superior; que não tivera tanto trabalho em a educar para lhe dar por marido qual quer rude moço transylvano, e vê la deśterrada para sempre em Klausenburgo ou em Bazarhely sobre o Máros.

Radnothy batia punhadas na mêsa, e jurava que a sua filha só daria a mão de esposo a um joven transylvano, de nobre estirpe e abastado.

Prohibiu-lhe o papaguear em francês e em alemão, e ameaçou-a de lhe arrancar a lingua.

Fez-lhe em farrapos os arrebiques de comediante, como elle dizia, declarando que lhe não leváva a mal o mandar fazer vestidos, embora dispendiosos, contanto que se cingisse aos usos das outras donzellas transylvanas, de casa fidalga.

E daqui se tornou a armar grandissima zanguizárra, a coronela com a sua enxaquêca e acomettida de espasmos, a Elsbeth, de tanto que chorou, achou-se incommodada, e Radnothy convidou o carôcho do tótó, que lhe revirava o dente, com um rijo pontapé.

E assim foram decorrendo uns dias. A coronéla, mortalmente aburrida das proprias resingas com o cunhado, seu unico passatempo, se viu privada, visto como Radnothy se fechou no seu quarto, infronhando-se cada vez mais na sua negra melancolia e tornando a absorver-se nos seus processos.

As duas senhoras resolveram ir fazer umas visitas nas visinhanças e nas cidades e villas proximas. E entretanto, voltavam sempre cedo e assás de mal humorádas. Haviam sido mais ou menos mal recebidas, e em uma outra casa, nem sequer até as receberam, pois que, ultimamente, mais de uma familia havia cahido em penuria, e jaziam em ruinas não poucos castellos e solares. Sentiam-se offendidas em seus melindres, sem reparar em que ellas proprias, em meio das mudanças que tudo havia soffrido, estavam tão demudadas como as pessoas do seu conhecimento. Que, da viuva, ninguem fazia caso; da Elsbeth, comtudo, afastava-se toda a gente. Incontravam-lhe no modo de se expressar o que quer que fosse de estrangeirado, o que não era para admirar, visto como, havia dois annos, pouco ou nada se exercitára na lingua materna. Escapavam lhe amiude observações que iam ferir melindres, o que era tambem aliás natural, pois havia frequentado durante largo espaço de tempo sociedades, que estabeleciam contraste frisante com os da região de Kokelburgo. As partidas em casa da tia, os saráus da capital, os inumeros requestradôres haviam concorrido a varrer lhe da memoria as recordações da meninice, e a alma e o espirito, que se achavam no periodo de desenvolvimento, com o viço da mocidade haviam-se lhe amoldado de todo ás novas impressões da mocidade. E como esta circumstancia mal podia ser apreciada pelas amigas de infancia, com as quaes voltava a incontrar-se, receberam-na estas com frieza, e muito mais por causa do pae, que com o seu eterno humôr atribiliario lhes incutia receio e aversão, e devido ainda ao estado da sociedade provincial, a qual, áquella data, devido ao empobrecimenro e á tristeza commum, se sentia pouco propensa á convivencia.

O solar paterno tornara-se alias em uma verdadeira prisão para aquella joven tão senhora da sua vontade, quanto avida de diversões.

Chorava de despeito pelo facto de ninguem a visitar. A boa da tia, para a consolar, falava-lhe de Vienna, para onde regressaria volvidas umas semanas, e segredava-lhe ao ouvido que o tenente Kahlenberger, cujo regimento fora destacado para a Transylvania, não tardaria em chegar, e que, desde que elle viesse, teriam sociedade, e dariam até saraus; que haviam de reunir como por incanto n'aquelle ninho de corujas uma camarilha, como jámais ali se reunira, que havia de fazer rebentar de inveja quer aos intonsos mancebos, quer ás irmãs destes e ainda aos proprios paes.

E assim ia Elsbeth vivendo de promessas, entretendo os ocios com a leitura do novo romance de sensação da revista semanal, que commovia em extremo as duas senhoras. A Elsbeth, a pensar no seu Kahlenberger, a coronéla no defunto esposo,—«que era o Kahlenberger por uma pêna,»—e que lhe trazia tão sobresaltado o coração, como á pobre da Elsbeth.

Realisou-se afinal aquillo por que tanto almejavam ambas. Até que por fim appareceu o Kahlenberger, e como se achasse aboletado na vizinhança o seu regimento, facil se lhe tornava vizitar amiudo a Elsbeth. A coronela não cabia em si de alegre, tanto mais que o capitão acarretára comsigo varios amigos velhos do seu defunto esposo.

Os amigos velhos, mais tarde, trouxeram por sua vez as mulheres e as filhas, e atraídos por estas, fizeram-se apresentar tambem varios juvenis funccionarios. Dali por diante não escassearam hospedes ao solar.

A coronela foi tratando de adornar, conforme pôde, os abandonados aposentos, desfazendo-se em disculpas para com os seus hospedes por não poder offerecer-lhes coisa que se parecesse com as salas viennenses. A Elsbeth mandou fazer vestidos novos, e invectivava contra as costureiras de Klausenburgo: que lhe deitavam a perder os primorosos estofos.

Os hospedes levavam o caso a rir, e extasiavam-se ante o romantico aspecto da decahida mansão, Kahlenberger afirmava que a Elsbeth era a perola da Transylvania, e sentenceava a coronéla que o capitão era um mancebo espirituosissimo. E hoje, dava-se um jantar, amanhã, improvisava-se um beberete, e, uma vez por outra, havia sarau. O capitão trazia varios musicos da banda do regimento, e dançava-se até madrugada. Alternavam no decahido solar as alegrias dos tempos de outr'ora, o clarão das janellas refrangindo, porém, nos arruinados terreões, derruidos, e no telhado esburacádo, com mais tristeza, e o ruido da festa já não incontrava éco no pateo silencioso e ermo.

Radnothy, entrementes no solar levavam vida tão folgazã, não paráva em casa. As urgencias domesticas e as custas do processo obrigaram-no a vender os bens que herdara da consorte, sitos no condado limitrofe. Para ali se dirigiu, pois, a tratar o negocio com um seu rendeiro, arménio de nação. Julgava poder ultimar a transacção sem remorsos de consciencia, visto não serem os referidos bens terrenos que andassem na familia, e como taes, não concorrendo a desfalcar a herança transmittida a seu filho.

A filha seria a unica prejudicada, o que porem pouco ou nenhum cuidado lhe dá, visto que por sua causa se tem aggravádo as exigencias domesticas, e dahi, o quinhão da rapariga sempre se poderá liquidar em dinheiro contado. Infronhado, mais do que nunca, nas velhas ideias de direito hereditario, mantem-se firme partidario dos direitos de primogenitura, e resolve, portanto, assim que regressar a sua casa, fazer testamento e ordenar ao filho, sob pena de maldição, que conserve intactos os bens da familia, e que os transmita a seus filhos, ou aos filhos de seus filhos.

(Continua) *M. Macedo.*

NECROLOGIA

DOMINGOS ESTEVES GOUVEIA

Referimo-nos na chronica do nosso numero 870 ao fallecimento d'este estimado emprezario que, de sociedade com Affonso Taveira explorava actualmente os theatros da Trindade, Rua dos Condes e Principe Real, do Porto; ao darmos, porém, hoje o seu retrato fal-o-hemos acompanhar ainda de algumas linhas, que constituem, por assim dizer, a sua singela biographia.

Domingos Gouveia contava 52 annos e era natural de Lisboa, exercendo ha longos annos a industria de cambista, de que tinha um estabelecimento na rua da Assumpção, estabelecimento muito acreditado e que lhe grangeara os bens de fortuna que elle disfructava antes de se arriscar na aventurosa carreira de emprezario theatral.

De muito novo que os negocios de theatro o attrahiram, tendo sido eleito em 1895 director thesoureiro da sociedade proprietaria do Theatro da Trindade, logar que occupava ainda á data do seu fallecimento.

Mais tarde associou se a uma empreza exploradora d'aquelle theatro, tendo em 1897 acompanhado como seu director a companhia de operetta que foi em *tournée* ao Pará.

Foi societario nas epocas de 1900 a 1902 com José Ricardo na exploração do theatro da Trindade, porém a sorte pareceu não lhe sorrir, devendo se esse mau successo, talvez, ás *reprises* d'um reportorio estafado, embora todo elle devido ás primeiras notabilidades na musica e na litteratura... franceza.

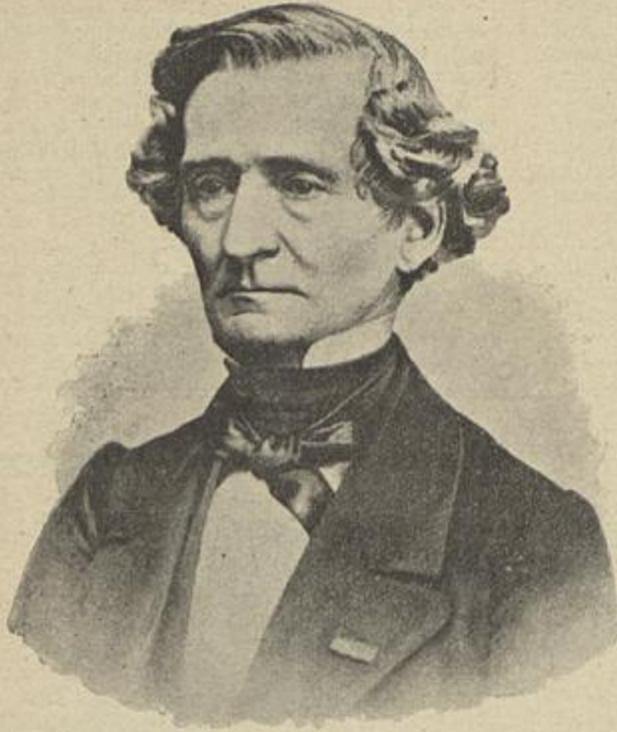
A epoca de 1903 parecia não ter começado mal. Affonso Taveira, alem de ser um bom *cabo de companhia*, como se diz em giria theatral, é um pratico e um habil administrador de theatro, podendo talvez agora colligado com elle, Domingos Gouveia ter uma epoca de menores prejuizos.

Os que reconheceram a bondosa generosidade do fallecido prestaram-lhe nas derradeiras homenagens as suas provas de gratidão, e com estes se juntaram os escripturados e os amigos, que os tinha, pelo seu caracter e pelas suas qualidades de coração.

Recebemos e agradecemos:

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa—*Memorias 1883-1902 por Francisco da Fonseca Benevides; da Academia Real das Sciencias—Illustrado com muitas gravuras e photogravuras—Lisboa, Typographia e Lithographia de Ricardo de Souza & Salles—1902.*

Logo que o auctor terminou n'esta revista a publicação das interessantes memorias sobre o Real Theatro de S. Carlos, que tão apreciadas teem sido, não tardou em as colligir n'um bello livro, grande formato, profusamente illustrado, e cuja capa é occupada uma artistica aguarella, reproduzida fielmente pela lytographia.

Para aquelles dos nossos leitores que não tiveram ensejo de lêr opportunamente tão interessantes chronicas do movimento lyrico e artistico n'esta capital, tendo por centro o Real Theatro de S. Carlos, não deve ser indifferente a noticia da publicação do nosso livro.

HECTOR BERLIOZ

AUCTOR DE «LA DAMNATION DE FAUSTO»

Como se comprehende fazem estas memorias seguimento ás que relativamente aos annos, e á fundação do theatro, ficaram consignadas na importante obra do sr. conselheiro Benevides, publicada em 1883 e egualmente intitulada o *Real Theatro de S. Carlos de Lisboa.* Desde aquelle anno varia tem sido a sorte da primeira scena lyrica de Portugal, e sob os seus diversos aspectos nol-a apresenta minuciosamente o auctor, conseguindo dar um notavel interesse ás suas memorias.

Pelos entendidos na especialidade foram já com a devida justiça tributados ao illustre critico por este seu novo trabalho os mais autorisados louvores, alguns dos quaes aqui registámos com muito prazer.

A Villa da Ericeira.— *Por G. Pereira, Tip. do «Dia» — Lisboa.* 1903.

N'um opusculo de 28 paginas com o titulo acima, reuniu o erudito archeologo e nosso distincto amigo e collaborador sr. Gabriel Pereira um punhado de interessantes observações de varia natureza ácerca da villa da Ericeira e aldeias convisinhas. Escripto despretenciosamente insere muitas curiosidades relativas á pittoresca villa tão frequentada na epoca balnear.

Recommendamos a sua leitura aos nossos estimaveis assignantes, e com a qual muito terão a lucrar os amadores dos bons livros.

DOMINGOS ESTEVES GOUVEIA

FALLECIDO EM 25 DE FEVEREIRO